

Quem é essa mulher?

Milena Carvalho

São Luís - MA

2018

©2018 Milena Carvalho

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

CAPA

Arte de Arthur Raupp sobre fotografia de Márcio Vasconcelos.

DIAGRAMAÇÃO

Jefferson Gomes

EDIÇÃO

Milena Carvalho

Dados Internacionais para
Catalogação na Publicação. (CIP)

Carvalho, Milena

Quem é essa mulher?/Milena Carvalho - São Luís - MA, 2018.

ISBN 978-85-924683-0-9

1 - Ficção brasileira

I. Título.

CDD - B869

Milena Carvalho

www.milenacarvalho.com

contato@milenacarvalho.com

Para Iana.

Oi, ~~Marcinho!~~ Márcio,

Não vejo muito cabimento em trocar cartas em plena era digital, mas se você prefere assim, não tem problema.

Como vai sua vida naquela cidade fria? Fico feliz por você ter ido visitar seu pai, minha irmã comentou. Há muito não ia à casa, ela deve ter reclamado. E deve ter dito também que finquei os pés no Rio, onde me sinto completamente em casa, especialmente no verão.

Que coincidência eu ter estado no sítio todo o final de semana em ~~um retiro espiritual~~ uma visita irritantemente cobrada por mamãe e minha chata e querida irmã, justo tão perto de quando você resolveu também dar as caras por lá, depois de todos esses anos.

Na primeira noite percorri o sítio inteiro escutando meus próprios passos naquela grama macia. À medida que caminhava, meus olhos guardavam pedaços do sítio junto a outros que tenho em minha memória. E o vento provocava um carinho que meu cabelo fazia em meu rosto e senti cada parte do meu corpo se enraizando naquele lugar, naquela terra onde tudo nasce e ali mesmo tudo morre. Sabe a ~~nossa~~ goiabeira? Continua exatamente igual. ~~Ainda está lá a cicatriz que não fizemos com nossos nomes.~~ É claro que pensei na gente. Na idade que tínhamos e na inocente promessa de que nos veríamos nas férias seguintes. ~~Na sensação de deitar sobre as pedras molhadas do arroio, onde me perdi e me encontrei em você.~~

~~Não dou um bezerro para voltar ao passado, mas dou uma boiada por sentir tudo aquilo de novo.~~ De tantos sentimentos e sensações que nos causamos, Márcio, há uma que adoraria viver outra vez. Não darei nome ao que me refiro, pois imagino que você queira se dar o gosto, mas eu daria tudo para sentir meu estômago arder de medo.

~~Daria tudo por um homem que sussurre o que vai fazer comigo. Por um homem que me faça perguntas, que tenha~~

respostas na ponta da língua. Daqueles que convidam, que to-
pam, que se rasgam, me rasgam. Dos que ligam de madrugada
precisando me ver com urgência.

E que me faça a única, a única surpresa que eu gosto: chegar
sem avisar. Os sentimentos adolescentes são mesmo infantis,
você não acha? Já não importa.

Recebi sua carta com a urgência do Sedex. Tratarei de enviar
a minha na mesma velocidade, atendendo ao pedido da minha
irmã em seu nome.

Mas, antes de tudo, devo dizer que é uma carta covarde.
Em todo caso, completarei suas reticências, responderei suas
perguntas e contestarei seus parênteses, portanto, sente. Aliás,
fique de pé, não pretendo me demorar.

Os meses demoravam a passar. Guardei seu último presente
junto à carta que você me enviou com saudade e ansiedade para
o dia de nossa fuga. Levei esses sentimentos, que também eram
meus, para o caminho das mangueiras e me lembrar de você,
e pensar em nós dois naquela tarde. Me entreguei para aquele
lugar tão puro e inocente quanto você ou eu. Mas não existem
lugares ou pessoas puras, Márcio. Nem inocentes. Vou te contar
onde foi. Começo completando a maior e mais ridícula reticência
da sua carta. Foi na ribeira. Na tarde daquele 21 de setembro,
caminhei descalça em direção a ela. Ora com passos firmes
para sentir meus pés fincarem no chão; ora suaves para sentir
cócegas, como as que você fazia em mim com a flor daquele
mato. O cheiro das mangueiras se aproximava. Me lambuzei
com uma manga podre, de tão doce.

Sentada na tábua presa sobre dois troncos fincados no cór-
rego, escorregadia por água e lodo, entrelacei as pernas nos
troncos e tirei o vestido. Deixei o caroço ali mesmo. Escorreguei
para o fundo d'água, subi relaxada e boiei por horas. As copas
das árvores quase não me deixavam ver o céu que, naquele dia,
não estava azul nem cinza.

Eu gritei, esperneeii, pedi socorro, mas ninguém podia fazer nada. Guardo minha dor e te privo dos detalhes.

O menosprezo com que você pensa ter sido tratado foi tudo o que eu senti pelo lixo de mulher que acabava de me tornar. Maldito. Ele semeou, arou, colheu, debulhou e sovou um ódio quase tão medonho quanto o amor que você havia plantado em mim.

O que aconteceu depois? Respondo sua primeira pergunta. De imediato, senti nojo de todos que passavam na minha frente, família e amigos inclusive. Depois, Márcio, eu me entreguei para tantos homens que não sei sequer os nomes. Amaldiçoei todos eles em seguida. Desejei que putrefizessem em uma vida medíocre e curta. E todos eles eram mais fracos que eu, física ou psicologicamente, se posso dizer assim. De maneira que eu tinha o controle. Namorei homens pobres, não só de dinheiro como de intenções. Não porque eu quisesse, mas porque eu achava que os merecia. Que eu, suja e desgraçada para sempre, não tinha o direito a ter um homem de verdade, inteligente e forte, que pudesse dividir comigo qualquer coisa maior que o trivial. ~~Ou que fizesse do trivial algo imenso, como você sabe fazer muito bem.~~ A todos contei o que houve, e por isso me trataram com cuidado excessivo. Com um medo disfarçado de carinho.

Desisti de tentar.

Nos anos seguintes, tratei de usar vestidos soltos para não marcarem meu corpo, mas me equivoquei, Márcio – os homens me acham livre com esse tipo de roupa e calças também chamam atenção, tentei. Escolhi vestidos mais alinhados, formais, condizentes com sei lá que idade que não é a minha, porque Márcio, eu não tenho 42 anos, tenho 17.

Nada daquilo funcionou, então entrei para a faculdade e aceitei namorar um homem bom. Com todas as características que uma mulher qualquer pode desejar. Nobre demais. Passional

demais. Mas ele, ele foi tão doce quanto todos os outros juntos! Ele assistia aos filmes antes de mim, para saber se eu teria estômago. Mudou de canal todas as vezes que o noticiário mostrou um caso violento. Escolheu cada folha de jornal antes de colocar no chão para minha cachorrinha fazer xixi, que eu pudesse vir a ler de relance. E não dormiu comigo nos últimos dois anos, dos seis que vivemos juntos. Ele esperou que eu pedisse, e eu me acomodei no cuidado dele. Explicou que não fazia questão, que poderia se resolver sozinho e que assim mesmo jamais me trairia. E eu achei que tivesse encontrado o casamento perfeito. Um dia assisti a um filme que ele não aprovou. Assisti de madrugada. Chorei noites e noites e também fiquei satisfeita. Nele, a personagem caça, prende, mata e esquarteja violadores. Os becós sem saída viraram minha salvação. Senti um confuso e enorme prazer naquilo. E nessa crise, me separei. Me separei e vim para o Rio de Janeiro tentar vida nova de um sonho antigo.

~~Você teria sido capaz de ser doce comigo? Meu corpo é só um pedaço de carne. Sinto que ele é mais seu do que meu. Não sei o que fazer com ele se estamos sós. Ninguém sabe.~~

Respondendo sua pergunta: não quis te receber porque eu não era mais a mesma. Não queria que você conhecesse essa vadia. Eu não tinha direito nem coragem de trazer você para essa imundice. E aqui contesto seus parênteses, Márcio. Vendi tudo. Vendi seus presentes por uma bagatela, e fiz isso para te atingir. Por que eu me importaria? Eu não me importo. Fiz até questão de não receber mais notícias suas.

Vou dar uma satisfação que não te diz respeito: entrarão e sairão namorados da minha vida até minha morte porque não sei ficar sozinha nem consigo levar uma relação adiante. Trato de me agarrar nos míseros 17 anos que estive comigo para viver esses últimos 25. Mas só piora.

Não te culpo pelo que aconteceu, culpo por você ter me deixado sozinha depois disso.

O que eu queria? Quer saber? Eu queria que você tivesse intercedido por mim, Márcio. Que tivesse arrombado aquela porta, me abraçado mesmo assim. Me levado, me internado em um lugar, me obrigado a ficar. Que desligasse a tevê, não deixasse ninguém falar sobre o assunto, lhes mandasse calar a boca. Que denunciasse, levantasse essa bandeira tão pesada que eu, sozinha, não tive coragem nem força. Que dissesse que sentiu alguma coisa, nojo, raiva, repulsa, qualquer coisa. Que me julgasse com machismo, não importa. Mas que soubesse de onde vêm minhas atitudes e a falta delas. Que gritasse e ouvisse meus gritos. Não aguento mais tapar a minha boca. Ele está morto. E não foi você que o matou. Nem eu.

Gravidade é uma força que age à distância. A lei que define o movimento dos corpos diz que não é a Terra que os puxa feito ímã, mas o ar que os empurra para baixo. Eu digo que a força com que a Terra me puxa para o lugar que um dia me pertenceu; é igual à brutalidade do ar que me sopra para ela. O poder deles é exatamente o mesmo, Márcio. ~~E você é esse ar.~~

Você já parou para pensar em como uma equação tão miúda consegue resumir todas as curvaturas e alterações espaciais e temporais do universo? Nosso caso é mais complicado.

Esse foi o resumo. Mas sei que você é um homem de detalhes, vou te satisfazer e responder as perguntas feitas e as que não, não deixarei espaço para dúvidas. É melhor você sentar.

Quando escutei sua voz vir do corredor, mal tive forças para pedir que não deixassem você entrar. Por que eu permitiria que tão puro amor se esvaísse com uma única troca de olhares? Jamais eu perderia o pouco de mim que restava em você.

Um abismo se abriu em minha cama, em seguida. Um buraco tão grande quanto toda a extensão do sítio, da cidade e do mundo inteiro. Ela ficou vazia e eu fiquei oca.

Deixei o sítio o mais rápido que pude. Mudei para a minha avó e me isolei no quarto durante meses. Não consegui receber visitas, odiava a ideia de que me vissem como se eu estivesse doente, como se aquilo tivesse cura. Não! Aquilo era minha nova condição.

E eu era covarde demais para pensar em morrer, então, que todos sumissem. Mergulhei em coisas paralelas, não via ninguém nem me deixava ser vista. Fiquei nesse ritmo até tomar a decisão: se eu já não prestava, que apodrecesse.

Passei a sair todas as noites, com um e outro homem, dois ao mesmo tempo. Bastava que me olhassem com algum interesse que eu me oferecia. Depois imaginava todo tipo de adjetivos que eles pudessem pronunciar seguido do meu nome e me divertia com isso. Quanto mais degradante fosse, mais eu queria. E aquilo virou uma espécie de vício, mas que eu escolhia ter.

Conheci lugares horríveis, terrenos e corpos baldios. Homens fracos de dar pena, assustados de dar nojo. Houve um que teve coragem de passar a noite comigo, sem tocar num fio de cabelo meu, assim que lhe contei. Falando agora com você, me pergunto o porquê da regra que eu mesma me impus, de contar sobre a violência a todos eles. Na verdade, sei. Queria ver se encontrava uma reação diferente da sua, e contraditoriamente igual a ela. Apostei na casualidade de que um homem não se acovardasse em seguida e que conseguisse me emudecer. Uma versão de você mais fraca, menos inteligente e mais impulsiva.

⊖ ~~problema é que eles não são você.~~ Teve também um fulano que se dizia apaixonado, me prometeu mundos e fundos se eu topasse juntar os trapos, que faria de mim uma mulher feliz, que passaria uma borracha no meu passado, dele não restaria nada, nem o sítio, ou mesmo a ribeira – cenário da minha desgraça e do meu amor. Tive que recusar. A noite foi longa, acordei em sua cama, ainda com roupas e sapatos. Vi que ele me deixou

um bilhete sarcástico, ao que respondi com gratidão, peguei a bolsa, deixei as chaves e nunca mais o vi.

Voltei para os lugares vagabundos. Infringi minha própria regra, desacatei a ordem de uma conversa prévia. Transei sem tirar a roupa com tantos quanto pude. Me esganei de chorar com a cara no travesseiro no clarear do dia e de gritar na escuridão da noite.

Páginas de vergonha para você, anos de humilhação para mim.

Essa sangria desatada não deve ter durado pouco, pelas contas que faço agora. Mas tudo terminou quando conheci o André.

Minha relação com ele não chegou ao ponto em que as outras findaram porque eu engravidei antes e assumi tudo sozinha. Sim, eu tive um filho. Em pouco tempo tive outro. E outro mais. Na verdade, outra, porque me veio uma menina. Você não é pai de nenhum deles, então vamos deixá-los de lado dessa história.

Depois dos três – sim, cada filho tem um pai diferente – veio o Marcelo.

Não, você não o conhece. Seu universo é completamente diferente do dele.

Marcelo era um cara insistente e que gostava de me analisar. Não sei como nem por que voltei à estaca zero e acabei contando tudo para ele em uma única noite, e, para minha surpresa, isso não o intimidou. Para dizer a verdade, ele tomou meu caso como um desafio. Logo estabelecemos um jogo oculto onde eu vomitava toda a podridão que havia em mim, e ele derramava justificativas, compreensão e elogios sobre elas. Uma aporriinação sem tamanho.

O tempo foi passando e quando dei por mim, estávamos fazendo listas de supermercado e organizando contas de água, luz e gás por ordem de vencimento.

Vida que seguia parada. Um passo para frente e dois para trás. Sem emoção alguma, num levantar e abaixar de camisola, passamos uns meses, um ano juntos, eu acho.

Até que ver o Marcelo nu passou a me dar asco. Tratei de tirá-lo de casa sem precisar explicar o motivo – sim, porque sim, porque acabou. E ele não se conformou. Desfiou nosso almoço e destrinchou a conversa em tópicos exigindo saber o nome do cara com quem eu estava saindo. Que sabia tudo o que se passava na minha cabeça traumatizada. Tive vontade de perguntar com base no que ele supunha saber o que se passava na minha cabeça, se eu nunca fui sincera. Mas não disse nada. E ele seguiu. Que eu não sabia, mas havia avançado em relação a tudo, que ele estava cuidando de limpar meu passado. Que ele merecia meu esforço e dedicação. Que não sei o que mais, que não sei o que mais. Um louco. E para não deixar barato, confessei uma traição cheia de detalhes. Batata. Ganhei umas ofensas e espaço no guarda-roupa. Ele achava o quê? Que podia consertar o que não tinha nem ideia do que significava?

Depois veio outro. Um homem jovem, branco, costas achatadas. Atuava como se fosse um bicho, cheirava minhas roupas, pescoço, cabelo, a comida que eu fazia. Se roçava em mim feito gato sem dono. Gemia de medo se me via de baixo. ~~Sobre você, os ruídos eram meus.~~

Você deve estar se perguntando como, quando e por quê, me envolvi com Mateus, o nobre e passional demais que não fazia amor comigo. Te conto por alto, ou pelo menos o que importa.

Quando saí do sítio, passei aqueles meses na casa da minha avó. Antes do final de 1991, voltei à escola para tentar não perder o ano e tal. Cheguei atrasada e envergonhada com todos aqueles olhares direcionados a mim enquanto me acomodava na carteira. De repente, bilhetes passaram de mão em mão até as minhas, sem que a professora notasse. Agradei e os guardei para ler no intervalo. Todos haviam sentido minha falta, queriam saber por que eu havia deixado a escola, com certeza. Me enganei, Márcio. Eles falaram sobre o maldito caso. Que assistiram aos

noticiários, por pouco não morri, coitada. Que o pegaram uns dias depois; viram minha foto no jornal quando fui à delegacia fazer o reconhecimento; que imaginam as horríveis coisas que eu tive que ouvir, o quanto eu deveria ter sangrado e até mesmo em qual posição eu tinha ficado; como tudo deveria ter sido realmente violento e cruel; que podia contar com eles para o que desse e viesse, afinal, ter uma vida normal e arrumar um namorado não ia ser fácil, mas para isso estão os amigos. E eles estavam certos, Márcio, estavam certos. O caso havia se espalhado na cidade, passado de uma pessoa para outra, de boca em boca, ido daqui para ali, de um lugar para outro, atravessando esses anos todos. Só me restava ir embora.

Mateus compartilhava comigo o sonho de sair da cidade e esse foi um dos motivos pelo qual me apaixonei por ele. E me custou deixá-lo. Você acha que foi fácil sair de um aconchego onde tudo parecia tão certo e seguro? Não foi. Ter que encarar o espelho, apontar o dedo na cara e listar as verdadeiras vontades e não querer nunca foi tarefa simples para ninguém. E menos ainda para mim até hoje, inclusive agora que respondo sua carta, mas você me obriga a fazer isso.

Coincidência ou não, a recebi hoje, justo nesse 21 de setembro que acordei lembrando, como quem lembra de um aniversário. Assei um bolo amargo e comi sozinha. Essa que te escreve e que você não conhece completou 25 anos de idade. E você foi o único que me presenteou com uma inesperada carta.

Sabe, Márcio, estive na ribeira. Sozinha.

Entrar naquelas águas foi como estar no céu e no inferno ao mesmo tempo. Na Bíblia tem um salmo que diz “Até que entrei no santuário de Deus, e então compreendi o destino dos ímpios. Certamente os põe em terreno escorregadio e os fazes cair na ruína. Como são destruídos de repente, completamente tomados de pavor! São como um sonho que se vai quando acordamos.

Quando te levatares, Senhor, tu os farás desaparecer”. Mentirosoas palavras. Jamais desaparecerão.

Por que você me escreveu? Para perturbar meus pensamentos, na certa. E para quê? Você não vê que estou grávida de um feto morto? ~~Que enquanto você goteja nostalgia eu jorro saudade? Que te desejo tanto quanto antes, e que por isso mesmo não permitiria um reencontro? Prefiro manter a lembrança do que fomos. Sempre que penso em você lembro de mim. Mas de mim você só receberá essa carta. Essa é a parte que te cabe deste latifúndio. Nada mais.~~

Boa sorte na sua vida,
Um abraço.

Liane Truga.